

VOLUME 2

ÉTICA E PESQUISA EM EDUCAÇÃO:

SUBSÍDIOS

anped

**ÉTICA E PESQUISA
EM EDUCAÇÃO:**

Subsídios

VOLUME 2

Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Organização do e-book

Comissão de Ética em Pesquisa da ANPEd
(2015-2019)

Coordenação editorial

Jefferson Mainardes (UEPG)

Tiragem

E-book (PDF)

Diagramação e acabamento

Dyego Marçal

Capa e projeto gráfico

Dyego Marçal

Revisão

Janete Bridon
Amanda Demétrio dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Et84 Ética e pesquisa em Educação [recurso eletrônico]: subsídios – volume 2 /
Comissão de Ética em Pesquisa da ANPEd. – Rio de Janeiro: ANPEd,
2021.

1 recurso online.

Vários autores.

Modo de acesso: World Web Wide

Publicação digital (e-book) no formato PDF

ISBN: 978-85-60316-18-2 (obra completa)

ISBN: 978-85-60316-20-5 (volume 2)

1. Ética – Educação. 2. Pesquisa educacional. 3. Ética – Princípios ge-
rais. I. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.
Comissão de Ética em pesquisa. II. Título.

21-017

CDD – 370.112

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Publicação digital – Brasil

1ª edição – julho – 2021



Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual CC BY-NC-SA

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

**ÉTICA E PESQUISA
EM EDUCAÇÃO:**

Subsídios

VOLUME 2

GESTÃO “ANPEd, PRESENTE!”

Diretoria - Biênio 2019-2021

Presidenta: Geovana Mendonça Lunardi Mendes (UDESC)

Vice-Presidentes:

Vice-Presidente Norte - Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA)

Vice-Presidente Nordeste - Claudio Nunes (UESB)

Vice-Presidente Centro-Oeste - Miriam Fábila Alves (UFG)

Vice-Presidente Sudeste - Valdete Côco (UFES)

Vice-Presidente Sul - Maura Corcini Lopes (UNISINOS)

Primeira Secretária: Maria Luiza Sússekind (UNIRIO)

Segundo Secretário: Paulo Vinicius Baptista da Silva (UFPR)

Diretora Financeira: Maria Beatriz Luce (UFRGS e UNIPAMPA)

Membros do Conselho Fiscal:

Titulares: Magna França, Maria de Fátima Cardoso Gomes e Mário Luiz Neves de Azevedo.

Suplentes: Fabiany de Cássia Tavares Silva, Iria Brezezinski e Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel.

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA – ANPEd (2020-2021)

Portaria nº 003/2020, de 25 de agosto de 2020

Membros Titulares:

Isabel Cristina de Moura Carvalho (PPGE/UFMG)

Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA) – Representante da Diretoria

Jefferson Mainardes (UEPG) – Presidente

João Batista Carvalho Nunes (UECE)

Mônica de la Fare (PUC/RS)

Sandra Fernandes Leite (UNICAMP)

Membros Suplentes:

Fernanda Müller (UnB)

João Luiz da Costa Barros (UFAM)

Sônia Aparecida Siquelli (USF)

AVALIADORES AD HOC DESTE VOLUME:

Angela Maria Scalabrin Coutinho (UFPR)

Bruno Antonio Picoli (UFFS)

Eduardo Vianna (CUNY - New York)

Fernanda Müller (UnB)

Gabriela Sousa Rêgo Pimentel (UNEB)

Isabel Cristina de Moura Carvalho (UFMG)

Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA)

João Batista Carvalho Nunes (UECE)

Monica de la Fare (PUC/RS)

Pedro Savi Neto (PUC/RS)

Sandra Fernandes Leite (UNICAMP)

Sônia Aparecida Siquelli (USF)

Vanessa Jakimiu (UNESPAR)

Wivian Weller (UnB)

CONTATO: eticanapesquisa@anped.org.br

CAPÍTULO 10

PAPEL DOS

ORIENTADORES/AS NA

FORMAÇÃO ÉTICA DE

SEUS ORIENTANDOS/AS

E PARA A ÉTICA EM

PESQUISA¹

Mónica de la Fare

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Pedro Savi Neto

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Brasil, Código de Financiamento 001, com bolsa do *Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD)* para Pedro Savi Neto.

Ao recorrer à etimologia, é possível afirmar que a palavra “formação” tem origem latina (*formatio*) e significa “o ato de dar forma, de formar”. Nessa linha, uma leitura possível do que é formação pressupõe uma intencionalidade; uma ideia prévia da forma a ser construída. Isso explica a razão pela qual um dos projetos educacionais mais relevantes do Ocidente tenha recebido a denominação de *Bildung* (palavra alemã que pode ser traduzida por formação). *Bild* significa imagem; desse modo, a *Bildung* pode ser entendida como um processo de formação, de construção, de um ser humano a partir de uma determinada imagem ideal (enquanto conceitual, idealizada). Essa noção de uma imagem idealizada tem origem na doutrina medieval da *Imago Dei*, que quer dizer a ideia da imagem de Deus formada no âmago do indivíduo e projetada para o seu exterior na relação com os outros. Já a ideia de *Bildung*, na segunda metade do século XVIII, passa a ser tomada de forma secularizada, especialmente a partir de Johann Herder (ALVES, 2019). Para o filósofo, a imagem a ser formada nos indivíduos não é divina, mas, sim, humana; ele considera que a humanidade não nasce com o sujeito, precisando ser construída por meio da educação.

Na mesma linha de Herder, Theodor Adorno (2006), ao pensar sobre os atos praticados por seres humanos, pretensamente educados sob o ideal da *Bildung*, retomou essa ideia de maneira radical, mais fundamental, no sentido de que educar deve ser, antes do que qualquer outra coisa, humanizar. Para o autor, depois de Auschwitz, a educação deve ser a humanização construída por oposição à barbárie.²

Feita essa breve introdução referida ao termo “formação”, passa-se a pensar a respeito do papel do orientador na formação (ética) de seus orientandos. A relação entre orientador e orientando é, por excelência, uma relação educacional. Embora a existência de uma pluralidade de conceitos do que vem a ser uma relação educacional, a origem etimológica do verbo educar (*e/ducare*, do latim) é suficientemente reveladora para guiar uma linha argumentativa. Educar pode ser entendido como o processo de conduzir (*dúcere*) o educando para fora de si (*e-ex*) (ROMANELLI, 1959) e prepará-lo para viver no mundo, coletivamente com as outras formas de vida.

Embora seja razoável admitir que o orientador possui um conhecimento mais aprofundado do que seus orientandos em relação ao ofício

² Este tema foi amplamente desenvolvido na tese de Doutorado de Pedro Savi Neto e em artigos posteriores (SAVI NETO, 2017, 2018).

de pesquisar, de modo a conduzi-los, a experiência educacional remete (felizmente) a uma certa desconfiança com relação à ideia da possibilidade de alguém, de fato, formar ou conduzir outra pessoa. A relação educacional parece muito mais uma relação de sensibilização do que efetivamente de um ser formando o outro, sem a participação efetiva de ambas as partes envolvidas. Nessa linha, faz todo o sentido recuperar uma das denotações possíveis do conceito de *Bildung*, propositalmente deixada para esta parte do texto, qual seja: *Bild* (imagem), entendida não apenas como a formação exterior a partir de uma forma, mas como a imitação a partir de uma imagem, como um processo de autoformação com base em um modelo: “[...] *Bildung* se relaciona com *Urbild*, original, arquétipo, e, também, com *Vorbild*, norma ou modelo aos quais *Bildung* se refere numa relação de reprodução ou ‘resposta’, *Nachbild*” (SUAREZ, 2005, p. 65).

Nesse viés, o caráter formativo a ser pensado a partir da relação de orientação exige levar em conta esse elemento constitutivo fundamental de que formar/educar implica o reconhecimento de uma imagem modelo. Recorrendo à origem etimológica de mais uma palavra importante no contexto da presente temática, a palavra “ensinar”, apesar de contemporaneamente empobrecida apenas no seu aspecto técnico, remete à noção de mostrar, de demonstrar:

[...] da autoridade pedagógica, sustentou-se que a única licença honesta e demonstrável para ensinar é aquela possuída em virtude do exemplo. [...]. O ensino válido é ostensivo. Mostra. Essa “ostentação”, que tanto intrigava Wittgenstein, está embutida na etimologia: o latim *dicere*, “mostrar” e, só mais tarde, “mostrar dizendo”; *token* e *techen* do inglês médio, com suas conotações implícitas de “o que mostra”. (Afinal, o professor é um homem espetáculo?) Em alemão, *deuten*, que significa “apontar”, é inseparável de *bedeuten*, “significar”. (STEINER, 2004, p. 13, tradução nossa).³

³ [...] desde la autoridad pedagógica se ha sostenido que la única licencia honrada y demostrable para enseñar es la que se posee en virtud del ejemplo. [...]. La enseñanza válida es ostensible. Muestra. Esta “ostentación”, que tanto intrigaba a Wittgenstein, está inserta en la etimología: el latín *dicere*, “mostrar” y, sólo posteriormente, “mostrar diciendo”; el inglés medio *token* y *techen* con sus connotaciones implícitas de “lo que muestra”. (¿Es el profesor, a fin de cuentas, un hombre espectáculo?) En alemán, *deuten*, que significa “señalar”, es inseparable de *bedeuten*, “significar”. (STEINER, 2004, p. 13).

Nesse processo de ensinar-mostrando, que instiga o orientando a imitar o orientador, reside a possibilidade de uma aprendizagem significativa, nascida do desejo de aprender por parte do orientando e que encontra um modelo a ser imitado na figura do orientador. Para Adorno (2009), o processo de formação é movimentado pela identificação mímica com particulares que contenham o universal, no caso, a humanidade. Na obra *Minima moralia*, Adorno (1993, p. 147) afirma que o “[...] humano aferra-se à imitação: um ser humano torna-se verdadeiramente humano só quando imita os outros seres humanos”.

A pesquisa é uma instância privilegiada para a aprendizagem por imitação, na medida em que são operacionalizados conceitos por vezes demasiado abstratos para que sejam compreendidos pelos orientandos apenas mediante a tradicional verbalização de uma aula expositiva. O que é muito importante do ponto de vista da formação ética, pois os conceitos do campo moral, devido ao seu caráter metafísico, são impossíveis de serem conhecidos objetivamente (LAVELLE, 2018), impondo, muitas vezes, sérias dificuldades aos orientandos. É importante observar que essa dificuldade na compreensão dos conceitos do campo moral, em boa parte imposta pelo seu caráter metafísico, está na base da explicação do recurso excessivo às normas, pois estas são, em tese, tentativas de materialização de princípios morais, oferecendo a segurança de um conceito em contraposição à potencialmente perturbadora necessidade de dar conta de dilemas éticos de forma verdadeiramente autônoma.

Na história recente, é possível notar-se uma crescente associação entre a ética e as normas positivadas, em boa parte tendo em vista que a normatização passa a atuar como fonte artificial de princípios morais, substituindo o doloroso (mas necessário) processo de amadurecimento moral pela comodidade da regulação externa: as normas “[...] significam uma heteronomia, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo” (ADORNO, 2006, p. 124).

Todavia, o potencial formativo (ético) da relação que se estabelece entre orientador e orientando reside, fundamentalmente, no fato de ela possibilitar a realização da tendência humana ao aprendizado por imitação, sem reduzi-lo à ideia de uma reprodução passiva. Essa tendência é tão forte que é possível afirmar haver uma relação indissociável entre imitação e educação na cultura ocidental (CARVALHO, 2019). Nessa linha, Christoph Wulf (2016) afirma que o ser humano, a criança ou o adulto,

aprende a agir em sociedade, principalmente pela imitação, instância na qual o conhecimento é passado de forma incorporada à ação. Assim, é possível pensar que a prática de pesquisa realiza o que Walter Benjamin (2001) denominou de *experiência do pensamento*, pela visualização de imagens carregadas de significado. A pesquisa permite aos orientandos a visualização de comportamentos carregados de significados morais por parte dos orientadores e a formação de imagens mentais da aplicação de conceitos éticos em situações práticas, como, por exemplo, na tomada de posição diante de dilemas éticos concretos.

Importante registrar que esse conhecimento, adquirido por imitação de forma incorporada à ação, corre o risco de ser pouco valorizado no âmbito das Ciências Humanas e Sociais (CHS). Isso se deve, principalmente, ao caráter mais material que parece caracterizar as práticas de pesquisa nas Ciências Biológicas. Parece haver uma ideia (equivocada) de que a aprendizagem por imitação é mais relevante nessa área do conhecimento do que, em geral, nas CHS, caracterizadas por práticas de pesquisa que remetem a uma aprendizagem meramente racional, supostamente sem materialização no mundo físico. Contudo, a aprendizagem mimética é um recurso importante, também, na formação de pesquisadores nas CHS, o que fica evidente, por exemplo, quando um orientando aprende a realizar entrevistas por meio da imitação das técnicas de abordagem e de entrevista de seu orientador e, por consequência, visualiza a aplicação de conceitos éticos de forma incorporada à ação, pela tomada de decisão diante de dilemas éticos surgidos na prática de pesquisa.

É importante mencionar que uma das principais controvérsias sobre o potencial formativo da imitação decorre de uma suposta passividade por parte do orientando nesse tipo de relação. Afirmar que a aprendizagem moral é favorecida pelo recurso da imitação na relação entre orientador e orientando não significa determinar que o segundo vai formar-se à semelhança do primeiro. Segundo Wulf (2016, p. 559), “[i]mitar não significa fabricar uma cópia, mas elaborar uma imagem que tem, decerto, um modelo, mas não o copia”. Nesse processo autônomo de construção da imagem mental necessária ao orientando reside o caráter ativo da imitação como capacidade de representação. De acordo com Benjamin (1987), a imitação é um processo ativo de produção de semelhanças por meio do qual o aprendiz busca transportar-se para dentro de um mundo do qual ainda não se sente parte, no caso da delimitação deste texto, do mundo da pesquisa e da ciência.

Com base nesses argumentos, compreende-se que o papel dos orientadores na formação (ética) de seus orientandos reside, fundamentalmente, na capacidade de servirem de inspiração, de modelo, a serem imitados na sua prática de pesquisa (o que parece ser indissociável do caráter humano do pesquisador e, por consequência, da ética presente na realização da pesquisa). Dessa maneira, o modelo ideal a ser construído só pode ter a forma humana, na medida em que a ética é o elemento constitutivo mais definidor do verdadeiro ser humano. A ideia da indissociabilidade entre formação e ética acompanha a humanidade desde os primeiros projetos formativos e precisa, talvez mais do que nunca, ser recuperada e reforçada, até mesmo como uma potente forma de frear a invasão normativa ao campo de pesquisa das CHS e de aprofundar o caminho da reflexividade inerente ao ofício de pesquisar.

REFERÊNCIA

- ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Paz e Terra: São Paulo, 2006.
- ADORNO, T. W. **Minima moralia**. São Paulo: Ática, 1993.
- ALVES, A. A tradição alemã do cultivo de si (Bildung) e sua significação histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e83003, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623683003>
- BENJAMIN, W. Infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas** (v. II). São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 71-142.
- BENJAMIN, W. Sobre el programa de la filosofía venidera. In: BENJAMIN, W. **Para una crítica de la violencia y otros ensayos**. 3. ed. Madrid: Taurus Humanidades, 2001. p. 59-74.
- CARVALHO, M. V. C. Mimese: sobre processos de conhecimento, representação artística e formação na história da educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 15-31, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.62733>
- LAVELLE, P. Literatura, reflexão e semelhança: uma afinidade entre Benjamin e Ricoeur. **Kriterion: Revista de filosofia**, Belo Horizonte, v. 59, n. 139, p. 235-253, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-512x2017n-13913pl>

ROMANELLI, R. C. O vocabulário indo-europeu e o seu desenvolvimento semântico. **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, n. 50, p. 59-60, 1959.

SAVI NETO, P. **Educação e memória do sofrimento em T. W. Adorno**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SAVI NETO, P. Theodor W. Adorno e a dialética negativa. **Conjectura**: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 1-18, 2018. DOI: <https://doi.org/18226/21784612.v23.n1.1>

STEINER, G. **Lecciones de los maestros**. Traducción María Cándor. Madrid: Siruela, 2004.

SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, p. 191-198, dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0100-512x2005000200005>

WULF, C. Aprendizagem cultural e mimese: jogos, rituais e gestos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p. 553-568, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216629>